

## Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império

### *Chernoviz and popular medical manuals in the days of the Empire*

Maria Regina Cotrim  
Guimarães

Médica do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas/Fiocruz  
Professora de história da medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Rua Marquês do Paraná, 303, 3º andar  
24030-210 Niterói – RJ Brasil  
mregina@ipecc.fiocruz.br

GUIMARÃES, M. R. C.: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

Os manuais de medicina popular do dr. Chernoviz foram essenciais na difusão de saberes e práticas aprovados pelas instituições médicas oficiais para regiões rurais do Brasil imperial. Graças à carência de médicos nas áreas por onde se dispersava a maioria da população brasileira, esses livros foram uma presença mais evidente do que o contato com os médicos, que, em sua maioria, viviam nos principais núcleos urbanos. Assim, contribuíram para a instrução acadêmica de inúmeros praticantes leigos da medicina: senhores e senhoras de escravos, curandeiros, boticários e toda sorte de gente que os médicos tratavam por 'charlatães'. Elaborados de modo a facilitar a leitura, os manuais de medicina popular continham a descrição das moléstias, bem como os conselhos e medicamentos que deveriam ser empregados em cada uma delas, de fácil formulação e úteis na economia doméstica.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil – Império; medicina popular; manuais médicos; dr. Chernoviz.

GUIMARÃES, M. R. C.: Chernoviz and popular medical manuals in the days of the Empire. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 501-14, May-Aug. 2005.

For the residents of Imperial Brazil's vast rural regions, Dr. Chernoviz's popular medical manuals were vital in disseminating knowledge and practices approved by official medical institutions. With most of the Brazilian population living in areas bereft of doctors, these books were a much more evident presence than contact with physicians, who for the most part lived in the country's major urban centers. The works thus contributed to the academic instruction of countless lay practitioners: slave owners, curandeiros, apothecaries, and a variety of other people that the doctors called "charlatans." Written for easy reading, the manuals provided detailed descriptions of diseases and recommended what advice and medicine should be dispensed in each case. Dr. Chernoviz indicated products that were easy to prepare and unarguably useful within the domestic economy as well.

KEYWORDS: Brazil – Empire; popular medicine; medical manuals; Dr. Chernoviz.

## Introdução

Até fins do século XIX, a reduzida corporação médica brasileira se concentrava na Corte do Rio de Janeiro e em Salvador, com expressão secundária nas capitais de algumas províncias. Havia uma completa carência de médicos nas vastas regiões rurais por onde se dispersava a maioria da população brasileira. Os manuais de medicina popular do dr. Chernoviz,<sup>1</sup> muito mais que o contato regular com os médicos, foram um instrumento essencial para disseminar práticas e saberes aprovados pelas instituições médicas oficiais no cotidiano daquela população.

<sup>1</sup> Trata-se das duas mais conhecidas obras desse autor: *Formulário ou guia médico* e *Dicionário de medicina popular*.

<sup>2</sup> Como veremos, as duas principais obras do dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz ficaram popularizadas pela expressão 'Chernoviz'.

<sup>3</sup> A terceira edição do *Formulário ou guia médico*, de Chernoviz, em espanhol foi de 1900 e se chamou *Guia Médica* (Librería Roger y Chernoviz).

Por causa de sua grande repercussão, os manuais do dr. Chernoviz suscitaram muita discussão: segundo os mais diversos autores, o 'Chernoviz'<sup>2</sup> variou de genuína ciência a credice. Inicialmente editada no Brasil, a obra continuou em Paris, sempre em português (com algumas traduções para outras línguas),<sup>3</sup> constantemente atualizada e revista a cada edição. Este artigo pretende mostrar como se constituíam essas obras que tanto contribuíram para a instrução acadêmica de inúmeros praticantes leigos da medicina.

Há vários indícios de que os manuais fizeram sucesso. O *Formulário ou guia médico* (primeira obra de Chernoviz) vendeu trezentos exemplares no primeiro dia e teve 19 edições, num intervalo de quase oitenta anos. A primeira das seis edições de outra obra do médico, o *Dicionário de medicina popular* (lançado um ano depois do *Formulário*), com publicações entre 1842 e 1890, vendeu três mil exemplares. O 'Chernoviz' foi lido e utilizado por pessoas de diferentes categorias sociais e profissionais, para as quais facilitou o entendimento da hermética ciência médica. Figuram aí os donos de boticas, os patriarcas e líderes políticos e religiosos que freqüentemente cuidavam de pessoas doentes e necessitadas (dos quais o famoso padre Cícero é um exemplo), e as matriarcas da elite latifundiária do Império, que cuidavam das pessoas da casa, dos seus agregados e da escravaria. O 'Chernoviz' também serviu como subsídio científico aos autodidatas e às pessoas leigas que exerceram ofícios de cura, chamados pelos médicos acadêmicos de 'charlatães' ou 'curiosos'.

Desde o século XVI, já se faziam presentes, aqui, manuais de medicina, dirigidos a médicos e leigos (Araújo, 1999), como o *Tratado único das bexigas e sarampo*, do médico Romão Mosia Reinhipo,<sup>4</sup> escrito em 1683, reeditado em 1859, em Lisboa, e em 1956, em Recife, pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco (Holanda, 1960), e o *Erário mineral*, editado em 1735, também em Lisboa, e recentemente reeditado no Brasil (Ferreira, 2002).

O *Erário mineral*, de Luís Gomes Ferreira, foi um dos primeiros tratados de medicina brasileira de grande circulação no país. Seu autor, um cirurgião português, descrevia sua experiência médica, de 1708 a 1733, em Minas Gerais, num livro cujos temas davam

<sup>4</sup> Anagrama de 'Simão Pinheiro Morão'.

conta das principais doenças e de seus tratamentos em grandes regiões do interior do Brasil. A obra dirigia-se ao homem comum, aos pobres, necessitados de remédios mais acessíveis e baratos que os das boticas. Era um saber enciclopédico, fruto “do interesse em explorar o que se mostrava útil para o homem, dentro de uma diversidade de possibilidades que abrangiam formas ambivalentes de descrever a natureza” (Dias, 2002). Representou a divulgação de uma ciência que possuía sua gênese em concepções astrológicas, diretamente vinculadas ao conceito de influências, simpatias e antipatias da natureza antropomórfica, e de efeito a distância. Seu modelo colonial português teria sido gradativamente substituído, durante o século XIX, pelo modelo francês, e o ‘Chernoviz’ seria um expoente de tal transformação (Wissenbach, 2002).

Ao lado do *Erário*, outros manuais – escritos por médicos europeus ligados a universidades e academias – oriundos de outras concepções científicas e de grande base higienista, circularam no Brasil colonial. Alguns historiadores (Martius, 1867; Santos Filho, 1991) acreditam que *Domestic medicine*, de William Buchan (1729-1805), na tradução portuguesa (Buchan, 1788), tenha sido o primeiro manual de medicina popular a se espalhar pelo Brasil, ainda durante o século XVIII. Encontravam-se também traduções da obra do suíço Samuel Auguste Tissot (1728-1797), *Aviso ao povo a respeito da sua saúde* (Tissot, 1773), e da *Medicina prática* (Cullen, 1788), de William Cullen (1710-1790). Os manuais de Buchan, Tissot e Cullen têm em comum o fato de que apresentam temas divididos pedagogicamente em dezenas de títulos direcionados a suprir a ausência de médicos nas áreas rurais. Mas, ao contrário do *Erário*, foram escritos sob outra orientação, de caráter mais universalista. Nesses manuais não serão encontradas, como no *Erário*, as descrições detalhadas, e quase personalizadas, de casos de doenças, nem a farmacopéia típica do Brasil.

Os autores dos manuais escritos durante o Império tiveram fortes relações com a Academia Imperial de Medicina e com a Faculdade de Medicina da Corte (instituições que congregavam a elite médica do Império). O francês Jean-Baptiste Alban Imbert foi o primeiro médico estrangeiro a revalidar seu diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1834) e um dos mais antigos membros da Academia Imperial de Medicina, eleito como titular em 1835. Sua primeira obra foi o *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre a enfermidade dos negros* (Imbert, 1839), de 1835, com duas edições, que tem a marca da “filantropia leiga dos reformistas europeus [associada] aos interesses bem entendidos dos escravocratas” (Alencastro, 1997). Imbert escreveu também *Ensaio higiênico sobre o clima do Rio de Janeiro*, de 1837 (Araújo, 1979), e o *Guia médico das mães de família* (Imbert, 1843) – obra recheada de conselhos e informações focadas na educação higiênica da mãe em relação à sua prole.

O dr. Luiz Francisco Bonjean (1808-1892), francês de Chamberry, foi médico pela Universidade de Turim e, em 1840, tornou-se membro titular da Academia Imperial de Medicina. Duas obras de medicina popular foram de sua autoria: *O médico e o cirurgião da roça* (com duas edições) e *Primeiros socorros* (Bonjean, 1866), que ensinava a tratar das doenças clínicas e cirúrgicas. Uma das marcas do autor é a capacidade de emitir sua própria opinião sobre questões polêmicas (Nava, 1949). Movido pelo que chamou de ‘idéias liberais e filantrópicas’, defendia, por exemplo, que quaisquer ‘pessoas instruídas’, e não só médicos, deveriam se encarregar da assistência aos doentes, diagnosticando, tratando e até constatando os óbitos (Bonjean, 1866).

Theodoro Langgaard (1813-1883) nasceu na Dinamarca, estudou medicina em Kiel, na Alemanha, e em Copenhague. Veio para o Brasil em 1842, quando foi morar, inicialmente, numa vila da Fábrica de Ferro de Ypanema, bem próxima à cidade de Sorocaba (SP), onde conheceu o dr. Cruz Jobim, então diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Menezes, 1934). Daí se transferiu para Campinas, cidade em que morou até 1870, quando veio para o Rio de Janeiro. Em 5 de agosto de 1846, já há quatro anos no Brasil, apresentou, à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma tese para revalidação de seu diploma, dedicada ao dr. Cruz Jobim, na qual defendia a geração espontânea (Langgaard, 1846). Foi autor do *Dicionário de medicina doméstica e popular* – que teve duas edições, nas cerca de 1.500 páginas divididas em três volumes – e do *Formulário médico* – que, tal como o de Chernoviz, era presença obrigatória nas farmácias antes da criação de uma farmacopéia brasileira, e que, mesmo sem ter experimentado a popularidade da obra de Chernoviz, teve três edições (Menezes, 1934). Eclético e erudito, Langgaard fez a tradução e o prefácio do *Atlas de anatomia*, de Bock (Bock, 1853), escreveu *Sucintos conselhos a jovens mães para o tratamento racional de seus filhos*, bem como um tratado intitulado *Obstetrícia* (Menezes, 1934), e ainda uma biografia do naturalista dr. Lund (Langgaard, 1883). Chegou até mesmo a escrever uma comédia chamada *Maria ou a bela paulista*, de 1863, musicada pelo irmão de Carlos Gomes e encenada em Campinas, além de publicar artigos em periódicos médicos (Menezes, 1934).

O doutor Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1881), nome abrasileirado de Piotr Czerniewicz,<sup>5</sup> nasceu na Polônia (Lukov) e foi obrigado a sair de seu país, ainda bem jovem, estudante de medicina na Universidade de Varsóvia, por ter participado, em 1831, de um levante contra o domínio russo. Chernoviz, sua vida e seu empreendimento editorial podem ser contextualizados dentro da ‘sociedade de Corte’ que foi o Rio de Janeiro imperial, representado, no caso, pelas instituições médicas e pelas relações humanas e sociais características daquele período (Guimarães, 2003). Assim como

<sup>5</sup> Em 1840, a redação da *Revista Médica Fluminense* trata-o de Luiz Czerniewicz, mas, em um artigo seu da mesma revista, de 1941, sobre envenenamentos, já é chamado de dr. Chernoviz.

milhares de outros poloneses, recebeu abrigo em território francês, onde pôde continuar seus estudos. Em 1837 – no ano seguinte ao de sua participação no combate a uma epidemia de cólera (Wachowicz et al., 2000), reconhecida pelo governo francês, que o condecorou, em agradecimento, com a medalha de mérito –, doutorou-se em medicina pela Faculdade de Montpellier, com a tese *Diagnóstico diferencial dos tumores do escroto* (Czerniewicz, 1837), de 42 páginas.

No início de 1840, Chernoviz aportou no Rio de Janeiro. No mesmo ano, em dezembro, teve seu diploma reconhecido pela Faculdade de Medicina e foi aceito na Academia Imperial de Medicina, como membro titular, após escrever a memória *O uso do nitrato de prata nas doenças das vias urinárias*<sup>6</sup> (Sacramento Blake, 1970). Publicou artigos na *Revista Médica Fluminense* (Czerniewicz, 1840; 1841) e na *Gazeta Médica da Bahia*, com a qual manteve contato após seu retorno a Paris, tendo publicado mais de vinte artigos entre 1868 e 1881. Em 1848, desligou-se da Academia. Casou-se em 1846, no Rio de Janeiro, com uma brasileira filha de franceses, Julie Bernard, voltando para a França em 1855, com os seis filhos, um dos quais deu continuidade a seu grande projeto editorial.<sup>7</sup> Morreu em Paris, em 1881.

As informações sobre os dois primeiros anos de sua vida no Rio de Janeiro são dadas pelo próprio Chernoviz, em *Cartas do Brasil e do Rio de Janeiro* (Herson, 1996; Araújo, 1979),<sup>8</sup> nas quais trata de sua situação social, financeira, profissional, de suas pretensões editoriais e de suas impressões sobre a cidade, o clima, a escravidão, a medicina, as instituições e as pessoas que conheceu.

### **O editor e sua obra: Chernoviz e o *Formulário ou guia médico***

Uma confusão insolúvel: Chernoviz escreveu, um ano após o lançamento de seu *Formulário ou guia médico*, o *Dicionário de medicina popular*. Este obteve sucesso igual, apesar do intuito diferente: ao passo que o primeiro servia aos iniciados na medicina, o segundo se dirigia aos leigos. No entanto, mesmo sendo a primeira obra dirigida aos médicos – segundo os prefácios das várias edições –, foi confundida com o *Dicionário de medicina popular* e igualmente chamada de ‘o Chernoviz’. A imprecisão tornou-se difusa no espaço e no tempo.

O *Formulário ou guia médico* fazia jus a seu nome: dividido em várias seções, continha a descrição dos medicamentos, de suas propriedades e doses, além das moléstias em que deviam ser empregados. Mencionava também as plantas medicinais indígenas e as águas minerais do Brasil, bem como a arte de formular, ensinando a escolha das melhores fórmulas e indicando receitas úteis na economia doméstica. Todos os medicamentos de que a obra trata dividiam-se em 16 classes, cada uma com uma propriedade médica particular

<sup>6</sup> Publicada nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, 1841-1842, p. 211 ss.

<sup>7</sup> Após a morte de Chernoviz, suas obras, atualizadas, passam a ser publicadas por uma sociedade formada por um dos filhos do autor, F. Chernoviz, e por A. Roger.

<sup>8</sup> As cartas encontram-se na Biblioteca da Universidade de Varsóvia. Silva Araújo recorreu a um amigo polonês que vivia em Paris e as traduziu para o francês.

<sup>9</sup> As farmácias do Brasil, a fim de serem reconhecidas oficialmente, tinham a obrigação de possuir alguns tratados ou códigos farmacêuticos franceses e portugueses. Ver verbete Sociedade Farmacêutica Brasileira (1851), no *Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

que, ‘mais ou menos enérgica’, encontrava-se em todas as substâncias. (Chernoviz, 1841). Ao lado dos medicamentos chamados ‘officinaes’ (xaropes, vinhos, extratos, tinturas, conservas, emplastos e unguentos), cujas fórmulas achavam-se nos códigos farmacêuticos sancionados pelas leis<sup>9</sup> e vendidos já prontos nas boticas – e cujo prestígio variava em cada época –, os doentes também podiam dispor das receitas ‘magistraes’. Estas últimas eram preparadas de acordo com as fórmulas de cada médico, segundo as necessidades específicas do paciente. O ‘Chernoviz’ distinguia, nas fórmulas, a ‘base’, isto é, o agente principal do medicamento que conteria o princípio ativo; o ‘adjuvante’, que serviria para aumentar as propriedades ou as virtudes da base; o ‘corretivo’, cuja finalidade era enfraquecer o sabor ou o cheiro, podendo também reduzir a atividade ou ação corrosiva; o ‘excipiente’, substância que serviria de veículo às outras três; por fim o ‘intermédio’, que servia para tornar o medicamento miscível em água ou outro excipiente.

Em outra seção, eram descritas as formas farmacêuticas dos medicamentos, então classificados em “bálsamos, cataplasmas, cáusticos, clisteres, elixires, emplastos, emulsões, espíritos, extratos, sangrias, sanguessugas, sinapismos, vesicatórios e ventosas”. Desse arsenal, o *Formulário ou guia médico* nos oferece informações técnicas, verdadeiras relíquias sobre as artes médicas da época. Folheando a seção, ficamos sabendo que os ‘cataplasmas’, em forma de papas, eram geralmente elaborados com farinha de linhaça, féculas de batata ou miolo de pão. Nos ‘vesicatórios ou cáusticos’, aplicados como emplastos ou cataplasmas em afecções gangrenosas ou mordedura de animais peçonhentos (visando produzir uma secreção serosa e empolar a pele), além de mostarda e trovisco, empregava-se freqüentemente uma papa elaborada a partir da maceração de um pequeno inseto, a ‘cantárida’.

Noutra classificação, os medicamentos trazem referência à sua ação terapêutica. Destaque-se, neste caso, que até a vitória da concepção ontológica da doença, isto é, aquela que associa o ser ‘doença’ à ação de uma entidade específica, a medicina acadêmica tendia a conceber a doença como manifestação de múltiplas circunstâncias, de caráter externo (agentes físicos ou químicos) ou interno (constituição física, temperamento, idade, sexo, atividade ocupacional). Nesse caso, os terapêuticos eram de 21 tipos, conforme sua ação específica voltada a restabelecer a harmonia ou equilíbrio fisiológico. A ampla variedade de substâncias laxantes, catárticas ou drásticas – estas últimas as mais intensas – exigia destreza na arte de purgar, tão complexa e tão amplamente empregada quanto a de sangrar (Chernoviz, 1841). Essa classificação encontra-se na parte do formulário propriamente dito. Consiste na descrição, em ordem alfabética, de todas as substâncias então empregadas pela medicina acadêmica. Ao referir-se a cada medicamento, Chernoviz indicava sua sinonímia, a signifi-

cação em francês, o nome botânico em latim, características físicas, propriedades, moléstias em que deviam ser empregadas, doses e pesos usuais, e riscos de eventuais asso-ciações.

Uma seção, a princípio inusitada para um guia médico mas que se coaduna perfeitamente com o ideal iluminista e civilizatório de que se investia a elite médica, intitulava-se “Receitas diversas”. Reuniam-se, aqui, várias receitas ‘úteis nas artes e economia doméstica’, tais como: água de colônia, tintas de escrever, venenos para a destruição de animais daninhos etc. Eram fornecidas também as composições de diversas preparações vendidas como ‘segredos’: pomadas de tingir cabelos, água para tirar nódoas de tinta de escrever e coisas semelhantes.

### **Chernoviz e o Dicionário de medicina popular**

Uma das facilidades do *Dicionário de medicina popular* em relação ao *Formulário ou guia médico* é a sua inegável serventia doméstica. O livro é muito acessível ao público em geral, não apenas pela forma de dicionário ou pela linguagem, mas principalmente pela utilidade dos assuntos escolhidos.

O modelo de dicionário escolhido por Chernoviz parece ter tido uma forte influência da obra de Littré (1855), de grande divulgação na França, naquele período.<sup>10</sup> A obra, apesar de consistentemente maior que o *Formulário ou guia médico* (o dobro do tamanho e maior número de volumes – dois ou três, conforme a edição), é bem fácil de se manusear.

Caso procure, por exemplo, a palavra ‘lepra’, o leitor vai se inteirar do seguinte: “Os médicos árabes davam este nome a todas as moléstias da pele caracterizadas por formas hediondas”. O povo, aliás, continuava chamando de lepra às sarnas e às várias ‘empingens’ que ocupavam grande extensão da pele. Chernoviz aconselha um tratamento à base de substâncias ‘irritantes’ associadas com ‘emolientes’, como, por exemplo: 1º Alcatrão, oito gramas (duas oitavas); Banha, sessenta gramas (duas onças).

Indica-se que se toquem de vez em quando as manchas leprosas com ‘pedra infernal’, e que, internamente, empreguem-se 15 gramas (1/2 onça) dos pós de ‘flor de enxofre’ e de ‘magnésia calcinada’. Caso o leitor desejasse maiores detalhes sobre a doença, como informações do que seria a ‘lepra tuberculosa’, ficava indicado, ao fim do verbete, que procurasse por ‘morféia’ (Chernoviz, 1878).

No *Dicionário de medicina popular*, ficava-se sabendo, também, que dentre os tipos de ‘ventosas’, pequenos vasos destinados a fazer vácuo na superfície da pele com o fim de atrair sangue ao lugar em que se aplicam, um recomendado era fabricado com chifre perfurado no ápice, por cujo furo se operava com a boca a sucção do ar, sendo, em seguida, tapado com cera quando estivesse aderente à pele.

<sup>10</sup> A obra que ficou conhecida como de Littré, em 1855, surgiu algumas dezenas de anos antes, da autoria de Capuron, daí a possível influência sobre Chernoviz.

Aplicadas com o mesmo fim que as sangrias, as sanguessugas ou as ‘bichas’ – como eram popularmente conhecidas –, deviam aderir a qualquer parte do corpo, à exceção das plantas dos pés e das palmas das mãos. Nas mulheres, recomendava-se não aplicar nas partes visíveis do corpo (pescoço, parte superior do peito, antebraço e costas da mão): eram indicadas as membranas mucosas facilmente acessíveis, tais como a gengiva, a vagina ou o colo do útero. Uma sanguessuga vigorosa retirava em torno de meia onça (15g) de sangue. Também em relação a essa curiosa criatura, fica o leitor sabendo que nem todas eram importadas da Europa, pois já havia lugares de criação no Rio de Janeiro. As sanguessugas, facilmente encontradas nas lojas dos barbeiros, eram conservadas em vasos de vidro, contendo água até 2/3 de sua capacidade (e três litros serviam para trinta delas), ou em caixas com barro úmido (Chernoviz, 1851).

O *Dicionário de medicina popular* não possuía mais do que a seção dos verbetes, além, claro, do “Prefácio” e de um índice alfabético, no final do último volume. As três primeiras edições possuíam três volumes, que foram reduzidos a dois nas seguintes. A cor da capa também mudou: de verde escuro, quase preta, tornou-se vermelha, menos austera, apesar de conservar os desenhos em baixo-relevo nas edições encadernadas.

Os prefácios da obra revelam uma modificação digna de nota em relação à sua proposta. Nas quatro primeiras edições, Chernoviz é enfático ao afirmar a necessidade de se recorrer ao socorro médico. Mas, a partir da quinta edição, de 1878, o autor recorda-se da advertência de um colega seu sobre as grandes distâncias que um médico precisaria percorrer para visitar um doente, e vice-versa, nos muitos vilarejos do interior do Brasil. A partir dessa observação, faz um reparo no prefácio e enfatiza a necessidade de que os próprios doentes e seus familiares se tratem:

não me lembrei da impossibilidade de encontrar um facultativo no interior do Brasil, numa zona de dez, vinte ou mais léguas; e que, por conseguinte, meu dicionário apresentava lacunas que convinha preencher ... Esta obra é destinada a difundir noções exatas sobre a ciência médica, entre pessoas estranhas à medicina; mas será também útil aos médicos, e sobretudo aos médicos novos; os estudantes de medicina acharão nela noções elementares que os hão de preparar ... (Chernoviz, 1878)

Na verdade, o autor já vinha informando e formando seus leitores sobre a prática da medicina desde a primeira edição.

### Alguns preços e a caixa de botica

<sup>11</sup> Trata-se dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, proprietários da Tipografia Laemmert, depois chamada Universal.

A confiança dos proprietários da famosa loja de livros da rua da Quitanda,<sup>11</sup> no Rio de Janeiro, era tal que se imprimiram três mil exemplares do *Dicionário de medicina popular*, em 1842, tiragem quase sem precedentes na época, principalmente para uma obra em dois volumes, ao custo de nove mil-réis. O acerto do investimento pode ser medido pela segunda edição, de 1851, ampliada para três volumes *in quarto* (com 1.620 páginas e cinco pranchas com ilustrações), ao preço de 12 mil-réis em brochura e 15 mil-réis em edição encadernada (Hallewell, 1985; Laemmert, 1851, p. 259). Se, de um lado, esses preços não eram tão módicos, pois no ano de 1851 a assinatura anual dos *Annaes de medicina brasiliense* – jornal da Academia Imperial de Medicina redigido pelo dr. Pereira Rego – custava a metade do preço da brochura do *Dicionário de medicina popular*, de outro, não deviam ser exorbitantes, já que a assinatura anual do *Jornal do Commercio*, o mais importante diário da Corte, valia vinte mil-réis. Compará-los a preços de outros livros e manuais de 1851, da mesma editora, talvez ajude na avaliação. O *Novo curso prático, analítico, teórico e sintético de língua inglesa*, de T. Robertson, 2ª ed., com trezentas páginas, valia quatro mil-réis; um manual, chamado *Doceira brasileira*, de Constança de Oliva Lima, encadernado, custava dois mil-réis; e um outro manual, provavelmente da mesma linha do *Dicionário de medicina popular*, mas da área de direito, o *Guia prático do povo no foro civil e crime brasileiro*, “ao alcance de subdelegados, juizes de paz, advogados ... e quaisquer pessoas do povo”, em dois volumes, poderia ser comprado por três mil-réis, em brochura, ou 3.500 réis, encadernado – e o escritor devia ser conhecido, pois era anunciado como “autor do *Conselheiro do povo*” (Laemmert, 1951, p. 260-2). Com o preço entre quatro e cinco vezes maior que o do citado manual prático de direito, nitidamente o *Dicionário de medicina popular* era uma obra cara. O *Formulário ou guia médico* também, ao que parece, não tinha um preço módico. O *Almanaque Laemmert*, de 1846, anunciava sua segunda edição ‘aumentada e inteiramente reformada’, de um volume encadernado, por seis mil-réis, ao passo que *Os Lusíadas*, o clássico de Camões, foi vendido no mesmo ano por quatro mil-réis, em dois volumes e com gravuras (Laemmert, 1846, p. 442-3).

No *Dicionário de medicina popular*, Chernoviz sugere, por exemplo, que as casas possuam uma botica doméstica – e nisso ele está prestando ajuda substancial a seus leitores – para que conservem e acomodem adequadamente os medicamentos que considerava imprescindíveis. Na terceira edição da obra (1862), ele recomenda 67 substâncias, a quantidade necessária e o preço de cada uma delas. Fornece o valor total, que é de 20.520 réis (ou seja, em moeda do Brasil), preço que não considerava a caixa, os recipientes para as

substâncias, a balança e o material de curativo (Chernoviz, 1862). Na quinta edição, o próprio autor já havia desenhado o ‘plano’ de uma botica portátil, de madeira, enfeitada em relevo, com 44,5cm de altura e de largura, e 34cm de profundidade.

Dividida em inúmeros pequenos compartimentos e gavetas, nela cabiam as sessenta substâncias necessárias, em pequenos recipientes, na quantidade indispensável, além de instrumentos e objetos para curativos, tais como lanceta, pinça, ventosa, atadura e linha de coser, entre outros. A compra de sua botica, à qual acompanhava um livro que continha a *Explicação da botica portátil*, poderia se dar em Paris, na rua Saint Honoré – ‘na farmácia do Luiz’ – pelo preço de 325 francos (tudo incluído, até o encaixotamento e o livro), ou por encomenda no mesmo endereço. O autor não se esquecia de citar, para o caso de encomendas, que o frete de Paris ao Rio de Janeiro custava 35 francos, no ano de 1878 (Chernoviz, 1878). Na sexta e última edição da obra, a caixa de botica – e seu conteúdo – deixava de ser vendida na farmácia citada e, como que se incorporando ao próprio manual, já podia ser comprada na própria editora Roger & F. Chernoviz (Chernoviz, 1890).

### **Inovação e progresso científico**

Havia em Chernoviz uma preocupação constante com a atualização de seus manuais (Figueiredo, 2002). Assim, ao contrário do anátema de repositório de credices populares que lhe lançaram posteriormente, as edições de seus livros eram constantemente revistas e até mesmo se incorporavam novas seções. Carregando o pesado fardo da civilização, com o *Dicionário de medicina popular* o autor se posicionava decididamente do lado das Luzes, e sua ação podia ser entendida dentro do ideal pedagógico do iluminismo racionalista. Constantemente revista e ampliada, a obra não apenas se apresenta como uma espécie de vade-mécum do saber médico estabelecido, como tem uma postura pioneira, sancionando algumas inovações pouco consensuais para a época. Assim, acreditando que o sistema decimal de pesos, adotado em Portugal em 1860, seria também utilizado no Brasil, Chernoviz incorporava-o já na terceira edição do *Dicionário de medicina popular*, em 1862. Em 1874, na seção “Noções preliminares”, apresentava uma tábua de conversão de pesos e medidas usados nas farmácias do Brasil – libras, onças, oitavas, escrúpulos, grãos – aos pesos decimais. É importante notar que a inclusão do sistema decimal por Chernoviz em seu manual teria contribuído significativamente para que suplantasse o *Formulário* de Langgaard, que só adotaria o novo sistema na terceira edição, em 1880.

Em função da necessidade de obter medições precisas com fins comerciais ou médicos, entre os instrumentos que se revestiam de

importância, descreviam-se o ‘areômetro’ e o ‘termômetro’ no *Dicionário de medicina popular*. O areômetro mede a densidade dos líquidos em graus. Na terceira edição, eram descritos cinco tipos de areômetro, reduzidos para três na quinta edição – possivelmente os que se comprovaram mais úteis e fidedignos. Esses instrumentos foram fundamentais na fabricação de bebidas. Como o areômetro de Gay-Lussac foi graduado para temperaturas ambientes de 15°C, havia que se fazer correções conforme o calor do local. Para isso, o autor sabiamente remetia o leitor às tabelas que “acham-se no meu *Formulário*, oitava edição, p. 14” (Chernoviz, 1878).

O termômetro médico representou uma verdadeira revolução propedêutica. No verbete “Thermometria medica” da quinta edição da obra, o instrumento era apresentado como “um novo modo de explorar os estados mórbidos, que serve de complemento ao exame do pulso e de outros sintomas”. A partir das novas observações termométricas, agravava-se ou abrandava-se o prognóstico de doenças, indicando qual a urgência de uma medicação antipirética, se fosse o caso. As febres eram até então classificadas em ‘contínuas’ (18 tipos), tais como a febre amarela, a febre tifóide, a febre maligna ou cerebral, e ‘intermitentes’ (sezões ou maleitas). O médico, ou alguém que tivesse alguma prática, sabia quando uma pessoa estava com febre; conheciam-se os ciclos das febres, os períodos de máximo calor e o de remissão. No entanto, a possibilidade de aferir a temperatura com exatidão originou verdadeiro frenesi de debates relativos a classificações e reclassificações das febres.

As ilustrações da obra de Chernoviz tornavam a leitura mais agradável, e a cada edição do *Dicionário de medicina popular* seu número é maior, variando de ‘cinco estampas’, na segunda edição (Chernoviz, 1851), a mais de novecentas, na sexta (Chernoviz, 1890).<sup>12</sup> As ilustrações eram bastante explicativas, podiam representar plantas medicinais, animais, articulações com deslocamentos de ossos, estâncias européias de águas minerais, sanguessugas, e aparelhos, como o oftalmoscópio, entre outros objetos de interesse direto ou indireto para a medicina.

Da mesma forma, aquele foi um dos primeiros manuais a apresentar, já na quinta edição, de 1878 (Chernoviz, 1878), no verbete “Opilação”, ‘a hipoemia intertropical ou cansaço’ – que hoje conhecemos como ancilostomose –, a tese de sua etiologia parasitária. Tal opinião permaneceu *sub judice* e contrariava a posição da maioria dos membros das congregações das faculdades de medicina, da Academia Imperial de Medicina e mesmo da Academia de Medicina de Paris – instituição médica mais prestigiosa da época (Edler, 1999).

Em conformidade com conhecimentos mais sofisticados, o verbete “Combustão espontânea” também se modificava completamente na última edição, de 1890 (Chernoviz, 1890), em que o leitor

<sup>12</sup> Apesar de Chernoviz ter falecido em 1881, os editores se preocuparam em manter as obras atualizadas.

podia se informar que a ciência já se reposicionara em relação a esse fenômeno, desmentindo sua existência, até então bastante pesquisada.

No *Formulário ou guia médico*, o zelo pela atualização científica explica o enorme sucesso alcançado entre os boticários. A terceira edição, de 1852 (Chernoviz, 1852), já recomendava a retirada, nas receitas, das abreviações e sinais referentes às dosagens, conforme regulamento da Junta Central de Higiene Pública, decretado em 1851. Os boticários da seção de Farmácia da Academia Imperial de Medicina, desde sua criação em 1835, já vinham se empenhando na confecção de um código farmacêutico brasileiro. Ao obrigar os facultativos a escreverem suas receitas por extenso, em português, a Junta de Higiene contribuía de certa forma para apagar alguns traços simbólicos que ainda ligavam os médicos oitocentistas aos físicos fidalgos do século XVIII, cuja erudição se media pelo uso do latim e adoção de sinais alquímicos inacessíveis aos leigos.<sup>13</sup>

A oitava edição, de 1868, foi um marco editorial ao adotar o novo Código Farmacêutico Francês de 1866. Outra novidade da mesma edição foi a ampliação da descrição das plantas indígenas do Brasil, que nas edições anteriores correspondia a pouco mais de cinquenta, e, nesta, excedia a duzentos. A partir de então, além de suas próprias observações, feitas quando de sua estada no Rio de Janeiro, Chernoviz passou a publicar os trabalhos de conhecidos naturalistas e de médicos e farmacêuticos brasileiros (Chernoviz, 1868).

Editada alguns anos após a morte do autor, a décima sexta edição do *Formulário ou guia médico*, datada de 1897, já continha “os novos métodos de soroterapia segundo as teorias de Pasteur e de Roux”, e informações sobre “os raios X ou as fotografias através dos corpos opacos” (Araújo, 1979). O mesmo empenho em seguir as últimas novidades das ciências médicas foi perseguido até a última edição de 1924. Somente em 1926 aparecia a farmacopéia brasileira, o que explica por que, até essa data, nos regulamentos sanitários, o ‘Chernoviz’ – feito substantivo comum – era citado como um livro obrigatório nas farmácias.

<sup>13</sup> Pelo Decreto n. 828, de 29.9.1851, foi aprovado o regulamento da Junta de Higiene Pública, que, a pedido de seu presidente, Paula Cândido, estabeleceu mais exigências aos serviços oferecidos pelas farmácias. Ver verbete “Sociedade Farmacêutica Brasileira (1851)” do *Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil*. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencastro, Luiz Felipe de  
1997  
Vida privada e ordem privada no Império.  
In: Novais, Fernando A. (org.) *História da vida privada no Brasil*.  
vol. 2, p. 68-78. São Paulo: Companhia das Letras.
- Araújo, C. S.  
1979  
*Fatos e personagens da história da medicina e da farmácia no Brasil*.  
Rio de Janeiro: Continente.
- Araújo, J. S.  
1999  
*Perfil do leitor colonial*.  
Ilhéus (BA): Editus.

- Bock, C. E.  
1853  
*Atlas completo de anatomia do corpo humano.*  
Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert.
- Buchan, William  
1788  
*Medicina doméstica.*  
Lisboa: Tipografia Rollandiana.
- Bonjean, Luiz Francisco  
1866  
*Primeiros socorros ou a medicina e a cirurgia simplificada.*  
Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1890  
*Dicionário de medicina popular.*  
6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1878  
*Dicionário de medicina popular.*  
5. ed. Paris: Casa do Autor.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1868  
*Formulário ou guia médico.*  
8. ed. Paris: Casa do Autor.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1862  
*Dicionário de medicina popular.*  
3. ed. Paris: Casa do Autor.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1852  
*Formulário ou guia médico.*  
3. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1851  
*Dicionário de medicina popular.*  
2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert.
- Chernoviz, Pedro  
Luiz Napoleão  
1841  
*Formulário ou guia médico.*  
1. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.
- Cullen, William  
1788  
*Cours de matière médicale.*  
Paris: s.n.
- Czerniewicz, Piotr  
1837  
*Diagnostic spécial et différentiel des tumeurs du scrotum.*  
73p. (Faculdade de Medicina de Montpellier), Montpellier.
- Dias, M. O. L. S.  
dez. 2002  
Corpo, natureza e sociedade nas Minas (1680-1730).  
*Projeto História*, n. 25,
- Edler, F. C.  
1999  
*A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica.* Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.
- Ferreira, Luís Gomes  
2002  
*Erário mineral.* Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, Rio de Janeiro: Fiocruz
- Figueiredo, B. G.  
2002  
*A arte de curar: cirurgões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.* Rio de Janeiro: Vício de Leitura.
- Guimarães, Maria  
Regina Cotrim  
2003  
*Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império.* Dissertação de mestrado.  
Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- Hallewell, L.  
1985  
*O livro no Brasil (sua história).*  
São Paulo: Edusp.
- Herson, B.  
1996  
*Cristãos-novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500-1850).*  
São Paulo: Edusp.

- Holanda, Sérgio Buarque de  
1960 A época colonial: 2. administração, economia e sociedade. In: Holanda, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Imbert, Jean-Baptiste Alban  
1843 *Guia médico das mães de família*. Rio de Janeiro: Tipografia Franceza.
- Imbert, Jean-Baptiste Alban  
1839 *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre a enfermidade dos negros generalizado às necessidades de todas as classes*. Rio de Janeiro: s.n.
- Langgaard, Theodoro  
1883 *O naturalista dr. Lund (Peter Wilhelm), sua vida e seus trabalhos*. Rio de Janeiro: Laemmert.
- Langgaard, Theodoro  
1873 *Dicionário de medicina doméstica e popular*. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert.
- Langgaard, Theodoro  
1846 *Dissertação crítica sobre a geração equívoca*. Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina. 13 p.
- Littré, E.  
1855 *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, des sciences accessoires et de l'art vétérinaire*. 10. ed. Paris: Livraria da Academia Imperial de Medicina.
- Marques, V. R. B.  
1999 *Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Unicamp.
- Martius, C. F. P. von  
1867 Prefácio. In: Langgaard, T. *Dicionário de medicina doméstica e popular*. vol. 1. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert.
- Menezes, R. O. L.  
1934 *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- Nava, Pedro  
1949 *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Médico Cirúrgico.
- Sacramento Blake, A. V. A.  
1970 *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura.
- Santos Filho, L.  
1991 *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp.
- Tissot, Samuel Auguste  
1773 *Aviso ao povo sobre sua saúde*. Lisboa: Oficina Patriarcal.
- Wissenbach, Maria Cristina C.  
2002 Gomes Ferreira e os símplices da terra. In: Ferreira, L. G. *Erário mineral*. vol. 1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 107-49.

## FONTES ELETRÔNICAS

- Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: [www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br](http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br).
- Laemmert, Almanak  
1851 Disponível em: [www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm](http://www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm).
- Laemmert, Almanak  
1846 Disponível em: [www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm](http://www.crl.uchicago.edu/content/almanak2.htm).

Recebido para publicação em junho de 2004.

Aprovado para publicação em agosto de 2004.